



### CARLOS ROBERTO CAMINITTI

Carlinhos nasceu em São Caetano do Sul-SP, a 29 de maio de 1953, falecendo a 5 de setembro de 1982, ao sofrer um mal súbito, quando de moto transitava pela Estrada Paraibuna-Caraquatuba.

29 anos, mecânico de veículos, com cursos de especialização na General Motors e na Ford do Brasil S.A., Carlinhos era proprietário de uma oficina em Santo André-SP.

Filho único de Milton Caminitti e de D. Maria de Lourdes Cassoni Caminitti, simpatizante do Espiritismo, caráter reto, alegre, empreendedor, Carlinhos vivia muito a própria vida, estudando, acampando, e, sobretudo, participando do convívio dos pais, a quem extremava, por filho terno e solícito.

Em seus últimos dias falava muito nos avós desencarnados e dizia aos pais que logo estaria com eles.

Ainda chocados, os genitores não puderam oferecer-nos seu depoimento. Contudo, o tio do Carlinhos, Sr. Osvaldo Conceição disse-nos o seguinte:



“Os pais do rapaz ainda se encontram muito amargurados pela falta do filho único.

A mensagem trouxe um pouco mais de paz e conforto. A tranquilidade não é total, pois eles sentem muitas saudades e gostariam de ter mais notícias do filho, porém, já compreendem melhor a situação.

Eles se encontravam muito nervosos antes da mensagem, se revoltavam contra tudo. Não conseguiam entender como um rapaz tão religioso quanto ele, que sempre rezava antes de qualquer atividade, pudesse ter sido colhido pela morte.

A mensagem veio confirmar o laudo médico de morte natural (ele já sofria de ataques, ficava com seus membros paralisados, sofria do coração, mas relutava em ir ao médico).

Hoje os pais estão mais tranquilos, muito saudosos ainda, mas enfrentando a vida de forma diferente. Com a mensagem e o constante apoio da família, foram compreendendo melhor.

Ainda hoje, eles vão ao cemitério todos os dias limpar o túmulo e colocar flores. Porém, já o pai se levanta mais raramente de madrugada pa-

ra lavar o carro do filho como fazia antes.

O pai não tem religião, passando agora a ser um grande admirador de Chico Xavier.

Seu filho cita na mensagem que ele não é o único Carlinhos, que existem muitos outros Carlinhos. Neste Natal, o primeiro após a desencarnação do filho, eles adquiriram vários mantimentos, ofertando-os a um orfanato de Santo André. Foi a primeira vez que contribuíram para uma instituição beneficente.”



## I

Querida Mãezinha Lourdes, estou presente com a vovó Ernesta,<sup>1</sup> a fim de pedir ao seu carinho e ao papai Milton para que as nossas lágrimas de saudades se façam preces de esperança.

Perdoem-me os pais queridos se não soube curtir a minha moto por mais tempo. Não me creiam indisposto com a máquina que me proporcionou tantas alegrias.

Não se arrependam, igualmente, por me haverem permitido transitar no dorso do cavalo de aço, segundo as atenções que lhe dedicava. O choque foi muito brusco e me vi sob a pressão do engenho que me parecia tão leve ao montá-lo.

Compreendi, para logo, depois do acidente havido, que a transformação seria certa.

Não desejo empregar a palavra "morte" num acontecimento que não me afetou o espírito em ponto algum. Afinal essa dona do pânico não existe. Tanto choram por essa ocorrência que, a rigor, é a sombra por ausência da luz...

De começo, era compreensível que me visse quase desesperado... Eu não sabia cousa al-

1) Ernesta Baruco Cassoni, avó materna desencarnada em 1960.

guma acerca do que viria depois e o temor do desconhecido me tomou o coração de assalto.

Creia, porém, a querida Mãezinha Lourdes que o seu carinho e o amor por meu pai estavam em meus pensamentos na Grande Mudança. Além da queda de que fui vítima, não tive ensejo para refletir em muitos assuntos, porque desfaleci num desmaio total.

Efetivamente, em nada me agradava o que me ocorria, porquanto a saída do nosso mundo não estava em meus planos de menino que tomava o topete de rapaz.

Lutei vigorosamente contra a exaustão de minhas forças, mas o sono me venceu, qual o sedativo que provoca o repouso de uma criança.

Entretanto, sem que eu saiba ainda quanto tempo estive inconsciente, como quem se demorasse num casulo, para acordar em novo ambiente, fui surpreendido pelo carinho de alguém que me tomara nos braços quando a moto foi atirada sobre mim.

Esse regaço de mulher e de mãe me lembrou a suavidade de sua ternura de sempre para comigo e, quando despertei, ei-la que se me deu a conhecer, tranqüilizando-me o coração agitado. Era a vovó Ernesta que me solicitava dormir sem medo e ao despertar era ainda ela mesma a me convidar para o retorno à esperança e à Vida.

Logo depois, trouxe-me a presença de outra senhora cuja bondade irradiava paz e confiança em meu auxílio.

Nova apresentação. Era a bisavó Polônia, segundo ela própria se nomeava.<sup>2</sup>

Passei do desânimo a novo alento e aqui estou para rogar-lhe afastar a tristeza do coração.

Mãe Lourdes, eu não era o seu filho único. Há muitos outros Carlos por aí esperando proteção e reconforto. Rogo à sua bondade e a meu pai Milton se encorajarem para que me veja melhor.

Ainda me sinto algo sonolento e algo despencado de meus próprios raciocínios, por falta de segurança.

Agradeço as suas preces e as lágrimas que me deram, valendo por preces de angústia perante Deus.

Pensem em novo dia. Amanheceu outro tempo para nós. O escuro de ontem já foi suficientemente iluminado por nossa rendição aos Desígnios de Deus.

Somente a nossa adaptação à realidade tem sido difícil, mas Jesus não nos deixará sem auxílio. Preciso exercitar-me em oração e idéias positivas para lhes ser útil.

Agradeço às nossas amizades de Santo André que nos auxiliaram e nos auxiliam sempre. E porque não consigo escrever mais, recebam todo o carinho e gratidão de meus sentimentos de

2) Polônia Cassoni, bisavó materna, cuja data de falecimento é ignorada.

respeitoso amor para com os pais amados que Deus me concedeu no mundo, com muitos beijos do filho sempre grato.

CARLOS ROBERTO CAMINITTI  
18.DEZEMBRO.1982